



À LUZ DA IMAGEM: PROCESSOS FOTOGRÁFICOS E A CONSTRUÇÃO DO OLHAR

Felipe Gonçalves Pinto

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
felipepp67@gmail.com

Diego Dias Uzêda

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
diegouzêda@gmail.com

Resumo

O projeto de extensão *À Luz da Imagem* (Cefet-RJ campus Maria da Graça) nasceu em 2015 a partir do interesse dos professores de Física e Filosofia em desenvolver atividades práticas e teóricas em torno da fotografia, contribuindo nos processos de formação do olhar e de construção do visível. O projeto tem como objetivos provocar a reflexão dos participantes sobre os processos fotográficos e sobre a complexidade da fotografia enquanto fenômeno cultural; contribuir na formação dos estudantes de ensino médio com ações de integração curricular; e, por fim, desenvolver e problematizar o olhar dos participantes para o mundo em que vivem. Apresentamos aqui um relato das atividades realizadas no ano de 2015 com alunos de ensino médio e seus desdobramentos, com destaque para a exposição organizada pelo projeto durante a Semana de Extensão 2015 do Cefet-RJ e os canais de troca de experiência abertos com a comunidade externa e outras instituições públicas.

Palavras-chave: Fotografia. Imagem. Pinhole.

IN LIGHT OF THE IMAGE: PHOTOGRAPHIC PROCESSES AND THE CONSTRUCTION OF THE GAZE

Abstract

The extension project *À Luz da Imagem* (Cefet-RJ campus Maria da Graça) was born in the year of 2015, from the interest of two teachers, one of department of Physics and the other of Philosophy, in developing practical and theoretical activities in order to contribute to the processes concerning the formation of the eyesight and the construction of the visible. The project objectives were to stimulate the reflection on photographic processes and the complexity of photography as a cultural phenomenon; to contribute to the formation of the high school students by means of the curricular integration actions offered; and to develop and to call into question our worldviews. We present here the report of the activities carried out in 2015 with high school students and its unfoldings, emphasizing the exposition presented by the project during the Extension Week 2015 (Cefet-RJ) and the experience exchange channels opened in partnership with the external community and other public institutions.

Keywords: Photography. Image. Pinhole.

A LA LUZ DE LA IMAGEN: PROCESOS FOTOGRÁFICOS Y LA CONSTRUCCIÓN DE LA MIRADA

Resumen

El proyecto de extensión *À Luz da Imagem* (Cefet-RJ campus Maria da Graça) ha iniciado sus trabajos en el año de 2015 a partir del interés de los maestros de Física y Filosofía en desarrollar actividades prácticas y teóricas en torno de la fotografía, contribuyendo en los procesos de formación de la mirada y de la construcción del visible. El proyecto tiene como objetivo provocar la reflexión de los participantes acerca de los procesos fotográficos y la complejidad de la fotografía como fenómeno cultural; contribuir en la formación de los estudiantes con acciones de integración curricular, y desarrollar y problematizar la mirada de los participantes ante el mundo donde viven. Presentamos aquí un relato de las actividades realizadas en el año de 2015 con alumnos de escuela secundaria y sus despliegues, con destaque para la exposición organizada por el proyecto en la Semana de Extensão 2015 del Cefet-RJ y los medios de cambio de experiencias abertos con la comunidad externa.

Palabras clave: Fotografía. Imagen. Pinhole.



INTRODUÇÃO

O projeto de extensão *À Luz da Imagem* foi criado por Diego Uzêda e Felipe Pinto, em fevereiro de 2015 no campus Maria da Graça do Cefet-RJ. A ideia de enveredar pelo estudo e pela prática da fotografia artesanal surgiu poucos meses antes, em conversas sobre as trajetórias acadêmicas e profissionais e as perspectivas de articulação entre ensino, pesquisa e extensão na instituição. Embora as possibilidades de articulação e integração curricular sejam geralmente buscadas em documentos (leis, diretrizes, bases, ementas, etc.), parece que, ao menos no caso deste projeto, certa convergência de interesses e de experiências assumiu papel determinante. Trata-se de interesses de pesquisa, de reflexão e de atuação. De um lado, a formação em filosofia e a investigação da noção de imaginação e de imagem na obra de Aristóteles (IV a.C) e na sua recepção por autores do século XX, tema da tese de doutorado defendida por Felipe Pinto em 2014; de outro, a pesquisa de mestrado voltada ao ensino de física, acompanhada da formação complementar em artes visuais e dos produção artística própria de Diego Uzêda. Das circunstâncias em que ocorreu esse encontro, podemos destacar como particularmente oportunas à elaboração do projeto: a urgência de estabelecer ações de troca entre a escola e o território que a acolhe; as discussões sobre o caráter integrador dos cursos de ensino médio oferecidos, bem como acerca da relação entre as peculiaridades das diversas disciplinas e as possibilidades de diálogo pedagógico entre seus respectivos docentes; o desconforto com o distanciamento que está posto, sobretudo na educação básica, entre a prática docente e a pesquisa acadêmica. Dessas trajetórias e circunstâncias desdobrou-se uma constelação de provocações compartilhadas: os modos de produção da imagem visual material ou virtual, as áreas de tangência entre e a experiência científica e a experiência cultural, a técnica considerada desde o ápice da era tecnológica.

Embora o êxito na fixação de imagens em substrato material pela ação da luz tenha sido alcançado apenas na década de 1820, desde o século IV a.C há registros da investigação acerca da projeção de imagens pela passagem da luz através de pequenos orifícios (RENNER, 2008, p. 9), que virá a ser denominada estenoscopia. No século XI, com os estudos do cientista egípcio Ibn al-Haitham (Alhazen), essa produção de imagens que parecia ser tomada, até então, apenas como fenômeno natural e objeto de investigação científica tornou-se instrumento de pesquisa fundamental à elaboração de uma teoria capaz de explicar o comportamento da luz e, sobretudo, da visão (RENNER, 2008, p. 10).

Foi significativa, durante o final da Idade Média e ao longo de todo o Renascimento, a produção de estenoscópios e câmaras escuras, equipamentos ou ambientes propícios à projeção e

À luz da imagem: processos fotográficos e a construção do olhar

visualização de imagens pela passagem da luz através de um pequeno orifício, de modo que aquilo que fora tomado como fenômeno natural e instrumento, a estenoscopia, assume o caráter de técnica, isto é, saber produtivo. Essa técnica foi, sobretudo a partir do século XVI, cultivada e praticada não apenas por cientistas interessados na pesquisa da luz e da visão, mas também pelos arquitetos responsáveis por construir catedrais em cujo interior é possível observar e estudar os fenômenos celestes, por artífices empenhados na produção de lentes e por artistas dedicados a representar imagens tal como supostamente aparecem aos nossos olhos (RENNER, 2008, p. 17-21).

Com o experimento proposto por René Descartes em sua *Dióptrica* (1637), testemunhamos a consolidação da teoria da projeção invertida no fundo do olho e, mais do que isso, a consolidação da câmara escura como modelo de concepção do sujeito observador e da mente humana. É a esse modelo que recorrem cientistas e filósofos do porte de G. W. Leibniz, John Locke, David Hume e Isaac Newton (Cf. CRARY, 2012, p. 46-55), sendo considerado plenamente satisfatório ao menos até o século XVIII, quando os trabalhos de Goethe e Schopenhauer, atendendo aos novos métodos e investigações da biologia, da fisiologia e química, que estavam ainda em momento de gestação (Cf. CRARY, 2012, p. 80-97), ampliaram a extensão da noção de visão e visível, abarcando fenômenos visuais de natureza subjetiva e corpórea (o olho e a cor).

É, por sua vez, a partir da consolidação da química enquanto ciência e consumação das empreitadas alquímicas quanto à transformação da matéria que podemos vislumbrar a possibilidade de fixação das imagens projetadas e, conseqüentemente, o advento da fotografia. A primeira fotografia foi produzida pelo inventor francês Nicéphore Niépce em 1827 (*Point de vue du Gras*). Trata-se de uma placa de estanho sensibilizada com betume da judeia, que permaneceu exposta, durante oito horas, à luz que atravessa a lente posta em um pequeno orifício de uma câmara escura. Ele vinha buscando e experimentando a fixação de imagens há cerca de uma década, e com algum êxito, visto que algumas imagens permaneciam visíveis por até três meses. Certamente ele não era o único comprometido com essa empreitada.

Pouco tempo depois, proliferaram novas técnicas que permitiam fixar imagens de diferentes modos em diferentes substratos materiais e fazendo uso de diferentes reagentes químicos para a sensibilização do substrato. Entre os inventores dos primeiros processos e equipamentos fotográficos merecem destaque Louis Jacques M. N. P. Daguerre e Henry Fox Talbot. O primeiro por reduzir expressivamente o tempo de exposição e criar um método de revelação da imagem latente. O segundo por produzir imagens em negativo que permitirão a intensificação da reprodução técnica de imagens fotográficas (FABRIS, 2008, p. 14).

À luz da imagem: processos fotográficos e a construção do olhar

Na entrada do século XX, a circulação de fotografias já se intensificara com a circulação de imagens em jornais e revistas, álbuns familiares e cartões de visitas (BENJAMIN, 1994, p. 97). Junto a isso, afloram novas formas de compreensão do mundo, de leitura da realidade, em suma, novos olhares são formados e conformados. Com a invenção do filme fotográfico a popularização dos aparelhos, sobretudo na segunda metade do século passado, a construção do olhar se torna cada vez mais dependente de mediações complexas, enquanto a produção de imagens se torna cada vez mais aparentemente imediata, instantânea. Em outras palavras, podemos dizer que, ao passo que os aparelhos fotográficos se tornam mediadores fundamentais do mundo contemporâneo (pense-se na presença da fotografia no meio publicitário e na presença da publicidade no cotidiano já a partir da II Grande Guerra), o olhar vai acentuando sua banalização e se tornando progressivamente mais cego a essas mediações. Por outro lado, novos processos e práticas fotográficas, sobretudo quando se passa do analógico ao digital, têm sido responsáveis pela ampliação e problematização dos limites tradicionalmente separados ciência, tecnologia e cultura, fazendo despontar a fotografia como terreno fértil para investigações transversais capazes de abrir caminhos para a investigação crítica da realidade. Nesse sentido, merecem destaque os trabalhos recentes de Lorraine Daston e Peter Galison (2011), Joan Fontcuberta (1997), Georges Didi-Huberman (2013), Vilém Flusser (2011), Giorgio Agamben (2009), além do já citado Jonathan Crary (2012).

Interessados em desenvolver um trabalho de caráter prático e teórico junto à comunidade de estudantes e professores, foi entendido que a fotografia parecia ser um terreno fértil para se cultivar uma empreitada que pudesse levar adiante essas provocações. Foi quando o Instituto Moreira Sales (IMS-RJ) anunciou um curso de fotografia artesanal com duração de uma semana que viria a ser oferecido em fevereiro de 2015. Durante o curso, coordenado pela fotógrafa Ana Dalloz, experimentamos as técnicas de fotografia estenopéica (*pinhole*), cianotipia e quimiografia e recebemos importantes orientações sobre a compra e a preparação dos materiais para que pudessemos oferecer oficinas no Cefet-RJ. Dada a nossa intenção de desenvolver um trabalho que nos permitisse aprofundar o conhecimento acerca dos meios de produção da imagem fotográfica e provocar a reflexão sobre o olhar, consideramos que havia condições para criarmos um projeto de extensão voltado aos processos chamados artesanais de fotografia e, em especial, às câmeras estenopéicas.

Com efeito, a partir do curso no IMS-RJ, iniciamos uma pesquisa sobre métodos e experiências com a fotografia estenopéica (*pinhole*) no âmbito da educação e elaboramos a proposta de projeto de extensão que teria como objetivos:

À luz da imagem: processos fotográficos e a construção do olhar

- Provocar a reflexão dos participantes sobre os processos fotográficos e sobre a complexidade da fotografia enquanto fenômeno cultural, propiciando uma transformação na relação com os aparelhos fotográficos e com as imagens que lhe são incessantemente oferecidas na cidade, na televisão e na rede;
- Contribuir na integração curricular por meio da explicitação dos princípios científico-tecnológicos implicados na produção de imagens, articulando conhecimentos da física e da filosofia no horizonte da relação entre ciência, tecnologia e cultura;
- Desenvolver a atenção do olhar dos participantes para o espaço e as pessoas que os cercam diariamente, seja na escola, no local onde vivem ou no trânsito diário.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a produção das câmeras, foram inicialmente utilizados recipientes de rolo de filme fotográfico 35mm. Embora haja conhecimento sistematizado sobre a relação entre a intensidade da luz, o tempo de exposição necessário, o tamanho do furo e a distância entre o furo e o papel, optamos por adotar um método empírico, de modo que os alunos experimentaram suas câmeras em diferentes circunstâncias, quantas vezes julgassem necessárias, para observar e registrar a relação entre as condições de produção da imagem e o resultado obtido. No mês de Maio recebemos a visita da professora Verônica Soares para uma conversa com o coletivo sobre a arte fotográfica. No mês de Julho realizamos visita à Mostra FotoRio 2015 e em Agosto recebemos a visita dos fotógrafos Léo Mello e Américo Júnior, que apresentaram os trabalhos do *Coletivo Pandilla*, do qual fazem parte, e as câmeras criadas e experimentadas pelo fotógrafo e físico Luiz Alberto Guimarães. A partir do mês de agosto começamos a experimentar a produção de câmeras em outros formatos usando papel Paraná (figura 1). No mês de Outubro, organizamos duas exposições na Semana de Extensão do Cefet-RJ *campus* Maria da Graça, uma com as fotografias produzidas nas oficinas do nosso projeto e outra com fotografias do *Coletivo Pandilla*. No mês de Dezembro, participamos, como palestrantes, do *II Seminário Escrever com Luz* (UFRJ). Apresentamos abaixo, detalhadamente, a trajetória percorrida pelo projeto *À Luz da Imagem*.



Figura 1: câmeras estenopéicas (*pinhole*) de diversos formatos e materiais produzidas no projeto *À Luz da Imagem*.

Em Março de 2015, criamos o projeto de extensão com o compromisso de oferecer oficinas e expor as fotografias produzidas na Semana de Extensão do Cefet-RJ. Planejamos nossas ações de modo que, enquanto adquiríamos os materiais e buscávamos um espaço propício para ser isolado da luz, pudéssemos iniciar estabelecer contato e diálogo com os participantes. Abrimos 20 vagas para estudantes dos cursos de ensino médio integrado de Maria da Graça e tivemos 22 inscrições. Decidimos acolher todos os inscritos.

A primeira oficina foi dedicada à apresentação da proposta que consiste em introduzir os participantes nas técnicas ditas artesanais de produção de imagens fotográficas, em especial a técnica *pinhole*, e provocar, por meio da prática experimental, a reflexão dos participantes sobre a natureza, a produção e a circulação das imagens que povoam nosso cotidiano. Tínhamos dois objetivos, um estritamente técnico, que os participantes se apropriassem das técnicas fotográficas, e outro, científico-filosófico, o conhecimento de teorias relativas à luz e à imagem. Consideramos fundamental que os caminhos em direção aos nossos dois objetivos coincidissem o máximo possível, sem deixar de reconhecer o fato de serem distintos e demandarem estratégias e atividades distintas. Pensamos então que, embora uma grande parte das oficinas devesse ser dedicada à prática produtiva (colocar a mão na massa, cortar os materiais, montar a câmera, carregá-la, fotografar, revelar), precisaríamos de alguns momentos de repouso da prática nos dedicarmos a pensar sobre o que está sendo feito. Consideramos que esses momentos pudessem fracassar em estimular a atenção e o interesse dos participantes, que nos pareciam ter sido movidos a se inscrever no curso mais pela produção do que pela reflexão, considerada usualmente como elemento próprio das disciplinas curriculares, de modo que o que os interessaria seria como que a negação desse trabalho reflexivo caracterizado como escolar.

Assim, dedicamos já a segunda oficina à produção e experimentação dos estenoscópios. A experimentação das câmeras no espaço aberto da escola despertou a atenção e o interesse dos

estudantes que passavam pelos corredores e escadas. A informação de que as imagens se formam de maneira invertida no fundo dos nossos olhos provocou considerável surpresa. Voltando a sala, foi apresentada a teoria capaz de explicar fenômeno da imagem invertida. Cada participante fez seu próprio estenoscópio e o levou consigo.

Na terceira oficina, apresentamos alguns trabalhos inaugurais da fotografia de Niepce, Daguerre, Talbot e Anna Atkins, destacando a relação entre as técnicas utilizadas, as imagens resultantes e suas condições de produção e circulação. Apresentamos também dois testemunhos, presentes na "Pequena História da Fotografia" (BENJAMIN, 1994), da hostilidade manifesta contra a novidade da fotografia no século XIX. Pretendíamos situar a invenção da fotografia no contexto da produção científica e tecnológica, bem como o profundo deslocamento da fotografia no imaginário social no último século. Nesse momento, esperávamos orientar a atenção dos participantes para os elementos científico-tecnológicos com que viríamos a nos deparar ao longo das oficinas de produção e lançar algumas provocações a serem retomadas com o desdobramento do trabalho.

Inspirando-nos na atividade de experimentação sensorial realizada pelo Coletivo Pandilla, realizamos, na oficina seguinte, uma atividade com o intuito de despertar a atenção dos participantes para a singularidade e a complexidade das experiências visuais. Tratava-se de considerar não apenas os modos de produção das imagens, mas sobretudo os modos de visualização e os princípios que nele concorrem: o desejo, a memória, o reconhecimento, a estranheza e a admiração. Levamos frutas cortadas e separadas em recipientes. Havia banana, kiwi, caqui, maçã verde, morango e limão siciliano. De olhos vendados, cada aluno experimentaria uma fruta e descreveria a experiência em um pequeno texto. Em seguida, experimentaria outra fruta e traduziria a experiência agora em uma imagem, fazendo uso de qualquer câmera fotográfica que estivesse à sua disposição. Orientamos os participantes a não buscar reconhecer a fruta, cuidando apenas de acompanhar e registrar os sabores o mais detalhadamente possível, seus momentos e intensidades, bem como a relação entre a experiência sensorial e as lembranças que ela foi capaz, se foi, de mobilizar. Embora nosso trabalho estivesse voltado à transformação do olhar, consideramos que o exercício da atenção ao sentido gustativo poderia despertar a atenção dos participantes também para experiência visual e a complexidades de sua interpretação, da qual não nos damos conta algumas vezes.

Depois do encontro dedicado à conversa sobre a atividade, partimos para a construção das câmeras. Neste momento, nos restringimos a um mesmo formato de câmera, o recipiente de rolo filme fotográfico, no qual fazemos um grande furo sobre o qual fixamos, com fita isolante,

À luz da imagem: processos fotográficos e a construção do olhar

uma placa de alumínio (2x2 cm) com o furo de agulha que permite, quando aberto, a passagem de luz necessária para a formação da imagem.

No encontro seguinte, dedicamo-nos à preparação da sala que faríamos de laboratório. Conseguimos um espaço que parecia perfeito: uma saleta de materiais de limpeza, ao lado do banheiro. Seu uso implicaria em algum incômodo para a profissional de limpeza que, gentilmente, nos cedeu a sala por uma hora e meia. Fomos para o teste. Carregamos as câmeras. Recordamos algumas observações sobre as condições físicas de produção das imagens (luz, distância, tempo) e deixamos os alunos à vontade para nos solicitarem companhia ou ajuda. Dali a vinte minutos voltamos para revelar e realizamos uma iconoclastia acidental: lançamos todos os papéis no revelador e queimamos 16 das 18. O dia ensolarado e a nossa falta de experiência não permitiram que as imagens que se formavam nos pequenos pedaços de papel fotográfico fossem banhadas no ácido acético antes que o papel enegressese por completo. Duas, porém, foram salvas e do fracasso fizeram lição.

Vedamos uma sala de aula: folhas de EVA nas janelas, espuma nas frestas do ar condicionado e ao redor da porta. A luz insistia em atravessar pelas mínimas e muitas falhas no acabamento da sala. Como nenhuma outra sala parecia mais propícia, pensamos algum abrigo que nos permitisse trabalhar fora do alcance dos pequenos feixes que escapam pela janela e pelo ar condicionado. Foi então que nos ocorreu a barraca de camping. Uma barraca pequena, para duas pessoas, os serviria de forma relativamente satisfatória como laboratório (figura 2). Poderíamos montá-la e desmontá-la a cada sessão. Apenas teríamos de organizar o trabalho de modo que ficássemos o menor tempo possível dentro da barraca quente e apertada. Também a participação dos alunos no processo de revelação foi parcialmente prejudicado. Fizemos rodízio para que todos pudessem observar e, caso se sentissem à vontade, manipular o processo.



Figura 2: barraca utilizada como laboratório improvisado.

À luz da imagem: processos fotográficos e a construção do olhar

Montada a barraca, entrávamos, dois de cada vez, com as câmeras para a revelação das fotografias. Fixadas as imagens, saíamos da barraca e as lavávamos no banheiro. Depois entrávamos novamente para carregar as câmeras com papel e as entregávamos para os alunos fotografarem. Mais uma sessão de revelação e nova "recarga" para que todos pudessem levá-las para casa e fotografar antes da próxima oficina. Assim tocamos a maioria das oficinas e obtivemos um número significativo de imagens que despertaram a atenção, a admiração e a reflexão dos participantes sobre o lugar em que convivemos (a título de exemplo, ver figuras 3 e 4).



Figura 3: positivo de imagem produzida por Diego Uzêda com câmera estenopéica cilíndrica. Note-se à direita um dos pavilhões, de arquitetura fabril, do Cefet-RJ *campus* Maria da Graça.



Figura 4: positivo de imagem produzida por Thalys César (estudante do 1º ano do ensino médio integrado) com câmera estenopéica. Vê-se a placa da vendedora de açaí, muito frequentada pelos estudantes, que fica em uma das entradas do Cefet-RJ *campus* Maria da Graça.

À luz da imagem: processos fotográficos e a construção do olhar

Em Maio, com as oficinas já consolidadas, começamos a pensar na exposição que apresentariamos em Outubro, na Semana de Extensão da nossa unidade. Em conjunto, dividimos o trabalho de organização em partes (comunicação/divulgação, apresentação textual, espaço/disposição, orientação/apresentação oral). Com a divisão, pretendíamos orientar a atenção dos participantes para os diversos fatores e trabalhos envolvidos na organização de uma exposição no nosso contexto. No desenrolar dos trabalhos, víamos como essas partes não poderiam ser isoladas sem que se comprometesse o sentido do todo e, conseqüentemente, de cada uma delas. Nesse momento de oficinas a pleno vapor e organização da exposição, preparamos uma visita, com os participantes do projeto, a algumas exposições da mostra FotoRio 2015. Poderíamos, nessa ocasião, construir uma experiência compartilhada a partir da visita a alguns espaços do centro do Rio e da conversa que entreteríamos ao longo do trajeto que percorremos das 9h às 16h. Na visita, atentamos não apenas para as fotografias expostas, seus temas e técnicas, mas também às propostas de curadoria, aos arranjos e disposições das obras, às relações entre texto e imagem e aos diálogos que as exposições proporcionavam a respeito da prática da fotografia e do olhar que lançamos à cidade.

Apesar de a visita ter ocorrido durante o período de recesso escolar, poucos participantes do projeto não puderam estar presentes. No retorno das aulas e das oficinas, dedicamos parte dos nossos encontros ao planejamento das atividades da Semana de Extensão. Nossas principais dificuldades estavam em encontrar um espaço que não deslocasse demasiadamente a exposição das demais atividades da Semana de Extensão do Cefet-RJ Maria da Graça e apresentar as fotografias de modo que a exposição fosse capaz de dizer algo aos visitantes e a nós mesmos a respeito do vínhamos fazendo, sem que para isso precisássemos a textos descritivos ou explicativos. Após avaliarmos as propostas apresentadas pelo grupo responsável por pensar o espaço e a disposição da exposição, decidimos por montá-la em um galpão do curso de manutenção automotiva. Nele havia muitas instrumentos e máquinas empoeirados e cobertos de graxa. Era pouco utilizado e servia como depósito de material que já não tinha muito uso ou cujo uso era raro. Tivemos ainda oportunidade de organizar, na Semana de Extensão, a exposição do trabalho "Onde Nascem os Craques", do *Coletivo Pandilla*, com fotografias realizadas em campos de futebol amador, os famosos *campos de pelada*, de várias partes do país. Também na Semana de Extensão 2015, oferecemos oficinas de fotografia *pinhole* à comunidade interna e externa. Embora a participação da comunidade externa ao Cefet-RJ fosse escassa, pois assim ocorreu com a *Semana de Extensão* de modo geral, foi visível o reconhecimento e o interesse dos participantes e visitantes.

RESULTADOS E ANÁLISES

A exposição que montamos, na Semana de Extensão 2015, das fotografias produzidas durante as oficinas (figuras 5 e 6) foi um momento de grande relevância não apenas por levar ao público o que fora realizado, mas também por proporcionar que os próprios participantes tivessem uma visão do conjunto da obra e a oportunidade de explicitar e problematizar o imaginário visual que perpassa os olhares sobre e a partir da escola e do território.



Figuras 5 e 6: exposição das fotografias do projeto *À Luz da Imagem* na Semana de Extensão 2015 do Cefet-RJ *campus* Maria da Graça.

Tivemos a honra de receber a visita da professora e artista plástica Verônica Soares (CINEAD/EPSJV-Fiocruz), que pouco tempo depois viria a nos convidar para participar, como palestrantes, do II Seminário Escrever com Luz, organizado por ela e pela professora Maria Cristina Miranda da Silva (CINEAD/CAp-UFRJ), no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CFCH-UFRJ). A participação no seminário foi extremamente oportuna para que pudéssemos rememorar nosso percurso, avaliar nossas ações e iniciar o planejamento para o ano seguinte. Além disso, a ocasião foi de suma importância para que pudéssemos conhecer outras propostas de trabalho que articulam Fotografia, Ciência, Arte e Educação, bem como para estabelecer contato pessoalmente com alguns artistas e educadores que, com suas apresentações e comentários à nossa apresentação, contribuíram muito para nossa reflexão e atuação.

Ao longo da trajetória percorrida pelo projeto em 2015 vieram à tona questões que, embora ganhem destaque no contexto da fotografia, parecem ter uma envergadura e uma importância significativamente mais ampla. É esse o caso das inquietações e impasses relacionados à relação entre teoria e prática no horizonte do conhecimento e das práticas pedagógicas, como também ao desdobramento histórico dos saberes e das articulações existentes

entre eles e, conseqüentemente, à possibilidade de os saberes cultivados e exercitados na educação básica possibilitarem a compreensão dos fenômenos em sua integridade. Essas questões nos interessam não apenas na dimensão da extensão universitária, mas também e sobretudo enquanto pesquisadores e docentes que somos. Parece significativo que a possibilidade de vivenciá-las e desenvolvê-las enquanto questões relevantes à nossa compreensão de mundo e às possibilidades de nele atuarmos tenha surgido no contexto de um projeto de extensão de caráter interdisciplinar, envolvendo professores de diferentes disciplinas e com diferentes trajetórias de ensino e pesquisa, bem como jovens estudantes de diferentes cursos e idades. Por outro lado, seria absurdo se negássemos que os conhecimentos escolares organizados disciplinarmente condicionaram a possibilidade de construirmos nossos caminhos e de experimentarmos aquelas inquietações.

Ao final do primeiro ano de execução do projeto, consideramos que a extensão figurou como possibilidade de interseção e articulação entre ensino e pesquisa, entre teoria e prática, entre as partes e o todo do fenômeno, entre as disciplinas escolares e a formação considerada básica para o exercício da cidadania e para o ingresso no mundo do trabalho. Avançamos muito pouco no que toca à extensão à comunidade externa do conhecimento construído no âmbito da pesquisa e da extensão. Por outro lado, não parece razoável conceber isso como uma falta, pois este primeiro momento do projeto de extensão nos permitiu caminhar na direção da construção do conhecimento que pretendemos estender à comunidade externa. É na oportunidade de experimentação, diálogo e integração entre diversos saberes e práticas que vamos encontrar a importância do que foi realizado no projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, gostaríamos de destacar duas considerações resultantes dessa primeira experiência que tivemos com a extensão. Primeiro, o fato de o projeto de extensão ter assumido o caráter de oportunidade de construção integrada de conhecimento nos mostra o quanto os espaços e momentos de articulação hoje existentes no âmbito do ensino e da pesquisa são ainda precários, sobretudo se levarmos em consideração a porosidade do contato entre a comunidade interna e a comunidade externa no Cefet-RJ Maria da Graça. Em segundo lugar, essa precariedade nos revelou a centralidade da extensão no tripé sobre o qual deve assentar a atuação das instituições de ensino, ao menos no contexto do Cefet-RJ. Por fim, entendemos que a extensão não deve ser naturalizada como dimensão privilegiada de desenvolvimento dos esforços,

À luz da imagem: processos fotográficos e a construção do olhar

formalizados e institucionalizados, de integração. No momento atual, no entanto, é fundamental que ela assuma esse papel.

No ano de 2016, contamos com a inserção de uma bolsista de extensão, Tamires Santiago (estudante do 3º ano do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional Técnica em Segurança do Trabalho, do Cefet-RJ *campus* Maria da Graça). Avançamos no estudo das principais referências bibliográficas e fotográficas que levantamos ao longo do ano anterior, na consolidação do diálogo com grupos externos ao Cefet-RJ que desenvolvem trabalho de ensino, pesquisa ou extensão sobre a fotografia, e apresentamos o relato de nossa experiência no 7º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU), que ocorreu na UFOP. Experimentamos agora um momento de amadurecimento do projeto, propiciado em larga medida pelo trabalho de rememorar, narrar descrever e escrever a experiência, e planejamos a oferta de cursos e oficinas para a comunidade externa, em especial no âmbito d`a formação de professores e alunos da Educação Básica, e a criação de um grupo de pesquisa que possa desenvolver com maior propriedade e atenção as questões com as quais nos deparamos, bem como oferecer aos professores do Cefet-RJ espaço e subsídio para pesquisa e formação.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. "O que é o dispositivo?". In AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BENJAMIN, Walter. "Pequena história da fotografia". In BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2012.

DASTON, Lorraine & GALISON, Peter. *Objectivity*. New York: Zone Books, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da Imagem*. São Paulo: Editora 34, 2013.

FABRIS, Annateresa. "A invenção da fotografia". In FABRIS, Annateresa (org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: EdUSP, 2008.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta*. São Paulo: Annablume, 2011.

FONTCUBERTA, Joan. *O beijo de Judas: fotografia e verdade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1997.

RENNER, Eric. *Pinhole Photography – From historic technique to digital application*, 4ª edição, Focal Press, 2008.